

## **CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS E O CUIDADO EM SAÚDE: subvertendo estruturas de desigualdade**

### ***WASTE PICKERS AND THE HEALTH CARE: subverting inequality structures***

---

Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos\*  
Bruna Carvalho Barros Rosa Nobre\*\*  
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti\*\*\*  
Sílvia Maria Ferreira Guimarães\*\*\*\*

#### **Resumo**

As trabalhadoras catadoras de materiais recicláveis são fundamentais na promoção de ações sustentáveis para a proteção do meio ambiente, apesar de viverem num cenário de precarização da vida. Diante disso, este artigo tem como objetivo compreender o contexto de vida e o cuidado em saúde dessas mulheres na lida cotidiana. Este estudo revela o universo dessas trabalhadoras informais organizadas em uma associação com sede em Ceilândia (DF). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as catadoras, sendo complementada pela observação de suas atividades cotidianas no galpão de triagem de materiais recicláveis. Os achados apontam para questões marcantes relativas a: precariedade do trabalho na lógica da reestruturação produtiva do capital; opressões das mulheres na perspectiva interseccional de raça, gênero e classe; as dificuldades do acesso aos serviços oficiais de saúde. Especialmente, é discutido também as experiências relacionadas à assistência à saúde e à rede popular de compartilhamento do cuidado como forma de resistência.

**Palavras-chave:** Trabalho. Catadoras de materiais recicláveis. Sociabilidades. Saúde.

#### **Abstract**

The workers who waste pickers are fundamental in promoting sustainable actions for the protection of the environment, despite living in a scenario of precarious life. Therefore, this paper aims to understand the context of life and health care of waste pickers in their daily work. This study reveals the universe of these informal workers, especially female workers, organized in an association based in Ceilândia/DF. Semi-structured interviews were carried out with the collectors, complemented by the observation of their daily activities in the shed for sorting recyclable materials. The findings point to striking issues related to: the precariousness of work in the logic of the productive restructuring of capital; the oppressions of women in the intersectional perspective of race, gender and class; and difficulties in accessing official health services. In particular, experiences related to health care and the popular network for sharing care as a form of resistance are also discussed.

**Keywords:** Work. Waste pickers. Sociabilities. Health.

---

\* Doutorando em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília (UnB) e professor de Saúde Coletiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas. E-mail: vasconcelosjpr@gmail.com

\*\* Sanitarista. Pós-graduanda em Saúde Coletiva da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em Brasília. E-mail: brunarnobre@gmail.com

\*\*\* Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestre em Educação pela Universidade de Brasília e doutora em Desenvolvimento Sustentável também pela UnB. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais e professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável da UnB. E-mail: izabel.zaneti@yahoo.com

\*\*\*\* Doutora em Antropologia, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. E-mail: silviag@unb.br

## Introdução

Este artigo visa compreender as práticas de cuidado desencadeadas por catadoras de materiais recicláveis por meio de uma pesquisa qualitativa, com o intuito de ter uma teoria do social a partir das narrativas dessas pessoas. A pesquisa aconteceu em uma associação de catadoras na cidade de Ceilândia, periferia do Distrito Federal, e teve como foco as mulheres, tendo em vista que essas se encontram em maior número. Nesse sentido, para este trabalho iremos nos referir a elas, por isso iremos usar a expressão catadoras. O interesse e a motivação pela temática advêm das experiências dos pesquisadores em estudos científicos e ações de extensão no tratamento das temáticas relacionadas à saúde e ao meio ambiente. Especialmente, fomos motivados pela vida potente e criativa dessas mulheres, que pertencem a uma classe trabalhadora de camadas populares da periferia urbana e encontram-se inseridas em uma lógica opressora, marcada pela informalidade, precarização e riscos à saúde.

Uma das características marcantes na natureza da ocupação das catadoras de materiais recicláveis é a informalidade (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013). As ocupações tidas como “informais” vêm ganhando relevância no mundo do trabalho exatamente porque têm sido acionadas como forma de produção preferencial do capital e não como escolha exclusiva das trabalhadoras (BOSI, 2008). As exigências para o acesso ao mercado formal e também o aumento do desemprego, direcionados pela organização produtiva, favoreceram o crescimento da quantidade de pessoas que vivem da atividade de catação dos recicláveis como forma de sobrevivência (MEDEIROS; MACÊDO, 2006). Sobre a informalidade, Cardoso e Guimarães (2018) encontraram-na no trabalho de diarista de mulheres da periferia urbana e compreenderam-na como a precariedade das condições de trabalho, falta de registros oficiais nas carteiras de trabalho, o que as deixa privadas de benefícios de seguridade social e medidas de proteção à saúde.

Além da informalidade, outra característica que marca a vida das catadoras é a precarização do trabalho. Essas mulheres desempenham um papel fundamental na cadeia produtiva, mas acabam sendo o elo mais frágil (ZANETI; SÁ; ALMEIDA, 2009). A catação de resíduos está inserida em dimensões da precarização do trabalho disfarçada de estratégia de sobrevivência, tendo em vista que a lógica de produção capitalista gera uma massa de trabalhadoras que são obrigadas a se sujeitarem a condições cada vez mais violentas de trabalho (ALVES; OLIVEIRA, 2013).

O cotidiano de trabalho dessa categoria apresenta riscos marcantes para a saúde humana, quais sejam, a lida com produtos químicos, biológicos, problemas físicos, ergonômicos e emocionais, além dos acidentes (GUTBERLET *et al.*, 2013). Segundo Hoefel *et al.* (2013), esse tipo de atividade laboral gera um precário sustento e desencadeia processos de adoecimento que agravam a condição de vida. Dessa maneira, essas mulheres convivem cotidianamente com alguns adoecimentos como verminoses, leptospirose, dengue, meningite, dores no corpo,

estresse, gripe, febre, alergia, náusea, infecções respiratórias agudas e infecções intestinais (BALLESTEROS; ARANGO; URREGO, 2012; DALL'AGNOL; FERNANDES, 2007; JÚNIOR *et al.*, 2013).

Inseridas nesse cenário, as catadoras de materiais recicláveis estão vulneráveis a agentes de sofrimento, devido à precarização já mencionada e também à estigmatização e preconceitos que marcam essa ocupação (COELHO; BECK, 2016). Para Carmo e Guizardi (2018), vulnerabilidade representa múltiplas dimensões que incidem sobre os contextos de cidadãs que vivenciam o frágil ou nulo acesso aos direitos. Segundo Ayres *et al.* (2009), a noção de vulnerabilidade busca responder à percepção de que a chance de exposição das pessoas ao adoecimento não é a resultante de um conjunto de aspectos apenas individuais, mas também coletivos e contextuais. Nesse sentido, pode-se afirmar que essas mulheres vivenciam processos de vulnerabilização, pois ser vulnerável não é intrínseco à vida dessas mulheres, mas é produzido e fomentado, assim como as margens são estrategicamente produzidas pelo Estado de acordo com Kleinman, Das e Lock (1996). De acordo com esses autores, forças sociais como poderes políticos, econômicos e institucionais podem causar prejuízos à experiência humana, ao mesmo tempo que essas forças influenciam respostas a tais problemas. O processo de vulnerabilização é fomentado por forças difusas, que incluem o Estado e o capital, e esse mesmo Estado pode ser o lócus de possibilidade de pôr fim a esse processo.

Este artigo pretende ampliar essa discussão e apresentar as contribuições das Ciências Sociais no campo da saúde em discutir outras dimensões que fragilizam a vida das pessoas, como o racismo, o machismo e a exploração do trabalho. Além disso, pretende considerar a realidade de vida das catadoras, considerando-se o contexto dos sistemas de opressões vividos e sentidos por essas trabalhadoras, principalmente vivido pelas mulheres negras catadoras. Assim, faz-se necessário, para compreender a realidade desse grupo social, ter como chave analítica os marcadores sociais da diferença, isto é, as categorias de gênero, raça e classe, em uma perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2004). Essa maneira de “olhar” permite revelar melhor o contexto social e o cuidado em saúde dessa classe trabalhadora.

Percebeu-se que, mesmo diante dos processos de vulnerabilização que estão inseridas, essas catadoras de materiais recicláveis apresentam maneiras de subversão da realidade, produzindo as suas próprias alternativas para o cuidado em saúde e o manejo da vida. As intelectuais negras Collins (2019) e Davis (2016) trazem ferramentas analíticas que auxiliam na compreensão das práticas de resistência a opressões vividas pelas mulheres negras para além de percebê-las como formas de sobrevivência. É esse, portanto, o percurso que será seguido neste artigo mostrar os sistemas de opressões vividos no cotidiano dessas trabalhadoras e como essas se reinventam para cuidarem de si e dos outros, familiares e amigas catadoras.

Além desses riscos de adoecimento, essas mulheres precisam ter seus direitos sociais garantidos enquanto trabalhadoras (VASCONCELOS; GUIMARÃES; ZANETI, 2018). Por conseguinte, apesar da relevância no aprofundamento dos riscos ocupacionais para a

construção de intervenções em saúde, analisados pelo prisma da Epidemiologia e das Ciências da Saúde, esses riscos ocupacionais não serão o foco principal deste artigo, os quais já foram abordados em outros estudos (ALENCAR; CARDOSO; ANTUNES, 2009; ALMEIDA *et al.*, 2009; BALLESTEROS; ARANGO; URREGO, 2012; HOEFEL *et al.*, 2013; PORTO *et al.*, 2004).

Nesse sentido, para compreensão da realidade dessas mulheres, considerou-se para este artigo, segundo Cecílio (2011), três dimensões da gestão do cuidado em saúde: as de caráter individual e familiar e a societária do cuidado. Essas dimensões envolvem o cuidado de si e dos outros, escolhas das terapias e dos percursos, apoio social que diz respeito às relações com os familiares, amigos e vizinhos e também as relações com o Estado na produção de políticas públicas e de saúde.

De acordo com Menéndez (2003), os processos sociais, econômicos e culturais possibilitam o desenvolvimento de diferentes formas de atenção a partir das necessidades e possibilidades dos diferentes grupos sociais. Aqui enfatizamos a dimensão popular dessa atenção, nos termos de Silva e Guimarães (2020, p. 23), sistemas de atenção popular articulam significados simbólicos, práticas/saberes que atuam em instituições sociais, familiares, suportes dos serviços de saúde e modelos de interação pessoal específicos. Esses sistemas se dinamizam por meio de redes sociais acionadas em contextos populares reunindo familiares, vizinhos, colegas de trabalho e profissionais de saúde. Constatou-se no campo que as catadoras produzem formas e maneiras de cuidarem de si e dos outros (familiares, amigos e vizinhos), especialmente coletivas. Essas possibilidades agem atendendo a suas necessidades em saúde e sofrimento.

Articulando uma rede de sociabilidades, essas trabalhadoras apontam para os elementos da vida cotidiana na produção do cuidado em saúde, das relações com a rede de apoio social e organização social, demonstrando que o processo saúde-adoecimento efetivamente tem caráter histórico e social (LAURELL, 1982). Entende-se, de acordo com Ayres (2004), que o cuidado em saúde também é um constructo filosófico, pois tem dado sentido às ações de saúde nas diversas situações em que se envolvem uma ação terapêutica, havendo, assim, uma interação entre duas ou mais pessoas, visando ao alívio de um sofrimento ou o alcance de um bem-estar, sempre mediada por saberes, valores, epistemes, especificamente voltados para essa finalidade.

### **Delineando o campo e práticas metodológicas**

Esta investigação se configura em uma pesquisa qualitativa que busca as narrativas, conceitos e valores das entrevistadas, o que permitiu construir uma teoria do social a partir da perspectiva dessas mulheres. De acordo com Minayo (2010), essa abordagem metodológica interpela as pessoas e o seu modo de atuação em determinado contexto social. No caso, revela o contexto de uma associação de catadoras, sediada na cidade de Ceilândia, periferia do Distrito Federal, que trabalham num galpão de triagem cedido pelo governo distrital. A associação funciona no local há aproximadamente 16 anos, foi criada em abril de 2004. Na época da sua

fundação, contava com 79 trabalhadoras. Hoje, conta com 66 trabalhadoras (28 homens e 38 mulheres).

Dessa maneira, para compreensão do contexto de vida dessas mulheres, diante da singularidade das catadoras, recorreu-se à abordagem etnográfica. Segundo Nakamura (2011), a abordagem etnográfica caracteriza-se pela descrição aprofundada dos fenômenos e pela sua observação minuciosa. Essa abordagem é pautada pelo olhar, ouvir e o escrever (OLIVEIRA, 1996). Nesse sentido, esta pesquisa combinou técnicas da etnografia, como entrevistas semiestruturadas, conversas informais, observação participante e anotações em diário de campo com o intuito de capturar as narrativas dessas mulheres (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012).

O campo aconteceu no galpão de triagem e teve início em 2015, quando, entre os meses de outubro de 2015 a fevereiro de 2016, foram realizadas visitas para negociação até a imersão na realidade das trabalhadoras. O espaço destinado ao trabalho, à alimentação e ao descanso foram os locais privilegiados do campo, oportunizando os primeiros encontros e a observação. As visitas eram realizadas durante o turno diurno (7h às 15h), com duração aproximada de três horas e pelo menos um dia na semana. No espaço da associação, trabalhavam 15 pessoas, ressalta-se que o galpão era utilizado por outra associação de catadoras e também pelos/as grupos/pessoas atravessadores/as. Esta pesquisa contou com a participação da associação que mostrou maior interesse no estudo e pela maioria expressiva das catadoras serem moradoras de Ceilândia (DF). Após esse período inicial mais intenso de pesquisa, projetos de extensão foram desenvolvidos e continuamente estamos em contato com as catadoras.

Foram entrevistados dez trabalhadores (6 mulheres e 4 homens), algumas informações relevantes do perfil sociodemográfico das participantes estão apresentadas abaixo (Quadro 1). As entrevistas gravadas decorreram do consentimento das catadoras, combinando perguntas abertas e fechadas. Com isso, buscou-se o diálogo entre as participantes e os pesquisadores, sendo em seguida transcritas e analisadas seguindo as unidades de significados (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012). Algumas questões orientaram as conversas e foram disparadoras para interação, como: a noção de saúde, o cuidado em saúde individual e coletivo, os problemas enfrentados na vida cotidiana e as experiências com o acesso aos serviços de saúde.

As participantes foram convidadas seguindo o critério de amostra intencional, por meio do recurso *snow-ball*, o qual uma catadora indicava outra para ser entrevistada, sendo que a primeira indicação partiu da presidente da associação. Destaca-se que caso a indicada não aceitasse participar, outra catadora era indicada, algumas pessoas não quiseram participar das entrevistas, entretanto, foram atoras participantes nas observações do ambiente durante as visitas ou no momento das conversas informais que mantiveram com os pesquisadores. As anotações e percepções desses momentos foram registradas e posteriormente analisadas no diário de campo.

Quadro 1- Perfil das trabalhadoras catadoras entrevistadas

Nome	Idade	Cor/ etnia	Tempo de catação	Escolaridade	Cidade/ Estado de origem
Maria	36	Parda	22 anos	Fundamental incompleto	Jacobina - Bahia
Carla	25	Parda	8 anos	Médio completo	Luzilândia - Piauí
Rita	23	Parda	5 anos	Fundamental incompleto	Ceilândia - DF
Luís	18	Pardo	1 ano	Médio incompleto	Irecê - Bahia
Ingrid	30	Parda	10 anos	Fundamental incompleto	Barro Duro - Piauí
Sara	29	Parda	8 anos	Fundamental incompleto	Tuntum - Maranhão
Aparecida	30	Parda	6 anos	Fundamental incompleto	Irecê - Bahia
José	25	Pardo	2 anos	Fundamental incompleto	Irecê - Bahia
João	35	Negro	5 anos	Fundamental incompleto	Jacobina - Bahia
Paulo	27	Pardo	1 ano	Superior incompleto	Luzilândia - Piauí

Fonte: elaboração própria.

As informações sociodemográficas corroboram a realidade das catadoras presentes na literatura, caracterizando-as por: inserção no mundo do trabalho antes da maioridade, poucas trabalham com vínculo empregatício, e a maioria sem direitos trabalhistas assegurados, baixa escolaridade, predominância de pessoas da cor negra ou parda e histórias de migração (GALON; MARZIALE, 2016; VASCONCELOS; GUIMARÃES; ZANETI, 2018). A renda oriunda do trabalho de catação variava entre um e dois salários mínimos por mês. Elas não viam a necessidade de terem outra renda, apenas uma catadora afirmou receber auxílio do “Programa Bolsa Família” e outro catador fazia bicos. Destaca-se que todas trabalharam durante a infância, as mulheres, geralmente em casas, como empregadas domésticas ou diaristas, e os homens em serviços da construção civil, agricultura ou pecuária.

Por fim, em relação às considerações éticas do estudo, os nomes das entrevistadas e de seus familiares citados nos relatos foram modificados.

### **Trazendo narrativas, cenários e pessoas: saúde e o mundo do trabalho**

A natureza social da doença não se verifica no caso clínico, mas no modo característico de adoecer e morrer nos grupos humanos, mostrando as dimensões sociais e econômicas no processo saúde-adoecimento (LAURELL, 1982). Esse paradigma apoia-se na perspectiva contextual e social do adoecimento, ao contrário do modelo teórico-conceitual hegemônico da biomedicina, o qual se baseia no entendimento da saúde como meramente a ausência de

doenças, enaltecendo especificamente os fatores biológicos do corpo (SANTOS; WESTPHAL, 1999). A partir de tal perspectiva social, cabe “olhar” para a compreensão crítica dos contextos de opressões vividos pelas trabalhadoras.

A vida das catadoras de materiais recicláveis é marcada pela exclusão social ou pela inclusão perversa (ALVES; OLIVEIRA, 2013; BOSI, 2008). As precárias condições de vida e trabalho dessas mulheres colocam-nas em uma situação extremamente prejudicial à saúde (PEIXOTO *et al.*, 2015). Suas vidas precarizadas e vulnerabilizadas refletem as desigualdades estruturais da sociedade capitalista.

As percepções das entrevistadas sobre a noção de saúde trazem reflexões sobre o excesso de submissão ao trabalho e à saúde como parte essencial da realização de suas atividades laborais. Como elas relataram: “*Ter saúde hoje é principal porque se não tiver saúde como é que vai trabalhar?*” (Carla). “*A gente doente não tem como trabalhar, não ganha, ter saúde é tudo né*” (Rita). “*Pra mim é se sentir bem, tá bem, ajuda no dia a dia e até com o trabalho também*” (Luís).

Pode-se afirmar que essa narrativa, no dizer de Antunes e Praun (2015), refere-se à exploração sem limites da força de trabalho, exprimindo as contradições estruturais desse contexto de trabalho que, ao mesmo tempo em que não pode prescindir do trabalho vivo para sua reprodução, necessita explorá-lo ao extremo. Segundo Medeiros e Macêdo (2006), o trabalho das catadoras de materiais recicláveis apresenta um paradoxo, ao mesmo tempo é fonte de subsistência e de sofrimento. Contraditoriamente, não são as catadoras que negam essa relação do seu trabalho com os danos provocados a sua saúde, mas a própria estrutura da desigualdade onde elas se inserem que as submete à exploração. E, assim, os adoecimentos e seus sintomas do cotidiano da catação precisam ser negados ou apagados, pois devem trabalhar e manter sua renda (PORTO *et al.*, 2004). Como explicam as catadoras: “*(..) Assim é perigoso ainda essa seda mesmo a gente fura o dedo porque vem agulha*” (Aparecida).

“[...] estamos cobrando, porque para as mulheres é difícil infecção urinária e outras infecções até piores a gente pega também. A gente já pediu solicitação para Valor Ambiental para arrumar, eles só vêm, tiram foto e nada, até hoje o banheiro está lá do mesmo jeito. Aí pedimos pra fazer um aqui dentro do galpão, disse que não pode, aí esse dia trouxe a CAESB pra ver se dar pra puxar um cano de esgoto aqui pra gente, porque desse jeito não dar, porque tá tendo muita doença mais de acordo com o banheiro.” (Rita).

“(...) em relação ao respiratório, porque a gente trabalha em um ambiente contaminado, em relação ao contato com material que pode pegar alguma bactéria, alguma doença relacionada à seda que a gente trabalha mesmo aqui, em relação a isso traz.” (Paulo).

De acordo com Antunes e Alves (2004), constata-se na classe trabalhadora, no século XXI, um processo de perda significativa de direitos e de sentidos, em sintonia com o caráter destrutivo do capital vigente. Algumas classes de trabalhadores têm essa situação agudizada, caso das catadoras de materiais recicláveis. Essa modalidade de trabalho é caracterizada por uma

renda muito baixa, além da não garantia ao acesso a direitos sociais e trabalhistas básicos, como: aposentadoria, FGTS, auxílio-doença, licença-maternidade; se ficarem doentes, são forçadas a parar de trabalhar, perdendo integralmente sua fonte de renda (ANTUNES, 2014).

A precarização das relações de trabalho sempre esteve presente na vida das catadoras, variando apenas o universo das modalidades do trabalho informal. Assim, elas vivem numa lógica à margem da sociedade, tanto relacionada ao trabalho quanto às questões sociais (VASCONCELOS; GUIMARÃES; ZANETI, 2018). Inicialmente, inserem-se no universo da catação pelas dificuldades do ingresso no mercado formal, pelo desemprego e pela necessidade de sobrevivência (FERRAZ; GOMES; BUSATO, 2012).

Essas mulheres permanecem por muito tempo nesta atividade sem vislumbrar perspectivas de melhores condições de trabalho (ALMEIDA *et al.*, 2009). Como observado no campo, em relação ao tempo de catação exposto no Quadro 1, muitas permanecem por vários anos nessa atividade. Poucas tiveram trabalho com “carteira assinada”. Nesse contexto, o desemprego apenas explícita e problematiza, no plano da demanda, a condição de vendabilidade da força de trabalho (ALVES, 2005).

A catação em uma associação está relacionada com a flexibilidade, entendida como uma liberdade no trabalho, e isso foi ressaltado pelas entrevistadas como positivo, ao avaliarem as mudanças ocorridas em comparação às atividades laborais exercidas anteriormente, especialmente, devido ao fato de não gostarem de receber ordens de patrões, apontando que na catação não tinha tais cobranças patronais. Essa percepção corrobora os achados de uma revisão da literatura, em que as catadoras de materiais recicláveis também expressaram esse mesmo sentimento da flexibilidade como ponto positivo relacionado ao trabalho na catação (COELHO; BECK, 2016). Como nos diz uma catadora:

*“Ah, melhorou foi muito porque doméstica é outra coisa trabalha mais ainda aqui já é um trabalho assim que não é muito essas coisas mais a gente trabalha para nós mesmos pode se dizer, né. O que eu achei bom foi isso [...] Na casa de família tem muita pessoa que cobra, é isso e aquilo, aquilo e isso, aqui não é tanto igual uma casa de família, né, aí aqui já sabe o nosso dever direitinho, lá a gente sabe na casa de família, mas sempre tem a pessoa pode falar “não é isso, saiu daquele jeito aqui, não é tanto assim também” [...]. Aqui é a gente já sabendo o jeitinho que a gente trabalha como é que é não precisa a pessoa ficar em cima, né, trabalhando direitinho, né, não tem reclamação.” (Ingrid).*

Apesar de as catadoras entenderem que estão inclusas em um trabalho dotado de maior flexibilidade em suas vidas, ainda assim estão submetidas a uma lógica de exploração. Elas trabalham na mais precária situação devido à insalubridade da atividade de catar e coletar o material, irregularidade do ponto de vista da legislação trabalhista e injustiça sob o ponto de vista das condições de vida. Dessa forma, embora a natureza do seu trabalho ainda não possa ser substituída pelas máquinas, a qualquer momento um catador pode ser facilmente substituído por outra pessoa seguindo a mesma ideia da flexibilização. Esse cenário revela a expansão do

trabalho precarizado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado, além de enormes níveis de desemprego, de trabalhadoras desempregadas (ANTUNES, 2005). Assim, elas afirmam:

*“Mais pra frente se eu ver que as coisas, pode ser que as coisas melhora mais de emprego, aí eu posso, não sei né, não posso sair porque a coisa está feia né. O desemprego tá grande né, você arrumar um emprego fichado hoje em dia pra ganhar bem é difícil, é meio difícil, é complicado.”* (José).

As catadoras recebem o salário de acordo com a produção coletiva, ou seja, recebem mais se há um maior número de materiais coletados, reciclados e vendidos para os atravessadores, a preços mais baixos do que o ofertado para as indústrias. Para as autoras Zaneti, Sá e Almeida (2009), essa catadoras entram no sistema hegemônico em uma relação de ultraexploração e quase marginal, ficando com a menor remuneração da cadeia de transformação do resíduo em matéria-prima. Assim, percebe-se, com os apontamentos teóricos de Antunes (2005) e Alves (2005), que, na verdade, essas trabalhadoras encontram-se numa lógica maior de um sistema de opressão em suas vidas, restando a elas desempenharem este trabalho.

Em relação à divisão do trabalho pelo viés do gênero, as mulheres eram maioria expressiva no contexto da associação participante e elas também ocupavam um espaço significativo na categoria. O estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013), uma das pesquisas mais detalhadas sobre o tema, analisou a situação social das catadoras e dos catadores, em que os homens representavam 68,9%, em contraste a 31,1% das mulheres, sendo que a participação de negras e negros representava 66,1% do total. Entretanto, Cherfem (2016), no seu estudo publicado também pelo Ipea, problematizou que o detalhamento, a partir do censo do Ipea divulgado em 2013, gerou forte reação entre as catadoras em relação a divergências de algumas informações, principalmente no mais contestado por elas, o domínio de distribuição de gênero. A percepção do trabalho cotidiano do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) indicava que acontecia exatamente o inverso. Estudos empíricos fortalecem a visão do MNCR, mostrando a grande quantidade de mulheres na atividade de catação Porto *et al.* (2004), Almeida *et al.* (2009) e Hoefel *et al.* (2013), assim como também se constatou neste estudo.

As mulheres catadoras ocupam a margem mais precária e mais desgastante na cadeia produtiva da catação/reciclagem (RIBEIRO; NARDI; MACHADO, 2012). As catadoras não têm acesso aos direitos sociais básicos, como creche, educação, saúde, o que acaba prejudicando ainda mais a situação da trabalhadora, aumentando sua opressão e exploração (ROSA, 2014).

Segundo as tendências da reestruturação produtiva do capital abordadas por Antunes e Alves (2004), trata-se do aumento significativo do trabalho feminino, principalmente em funções precarizadas e desregulamentadas, destacando uma diferenciação entre homens e mulheres na questão salarial, onde os homens, mesmo desempenhando a mesma atividade, possuem salários melhores que as mulheres. Destaca-se que esse caso não se aplica à realidade das catadoras, pois os salários são os mesmos, embora existam outras diferenciações iniciais observadas no campo

desta pesquisa que marcam uma intensa vida cotidiana no mundo do trabalho da mulher negra catadora como: o machismo e o assédio sexual no próprio ambiente de trabalho, os desafios para o cuidado com os filhos, a luta pelos direitos sociais básicos, ausência de um ambiente adequado para o trabalho e os períodos trabalhados durante e até o fim das gestações.

Os elementos apresentados se tornam mais críticos quando se percebe que a maioria das catadoras são mulheres negras como visto no Quadro 1 e no estudo do Ipea (CHERFEM, 2016). De acordo com Marcondes *et al.* (2013), as mulheres negras configuram o segmento que mais sofre com o racismo e machismo, pois são as últimas a se inserirem no mercado de trabalho. Para Crenshaw (2004), as mulheres negras não têm condições de concorrer adequadamente no mercado em decorrência dos poucos empregos disponíveis, assim tendem a ser mulheres socialmente marginalizadas.

O dossiê publicado pelo Ipea, sobre as condições de vida das mulheres negras no Brasil (MARCONDES *et al.*, 2013), aponta para o fato de que ser mulher aumenta a dificuldade em se inserir no mercado de trabalho e caso essa mulher seja negra as dificuldades são ampliadas. Segundo Crenshaw (2004), para o reconhecimento das experiências das mulheres negras, as categorias raça e gênero não podem ser enquadradas separadamente, pois, a partir da realidade da mulher negra, o peso combinado dessas duas estruturas marginaliza as mulheres que estão na base da pirâmide socioeconômica. Em relação ao mercado de trabalho, as questões de raça, gênero e classe não devem ser ignoradas, assim como em outras dimensões da vida social, conforme afirmam as intelectuais negras (HOOKS, 1995; DAVIS, 2016; CRENSHAW, 2004). Contraditoriamente, os estudos que abordam os riscos e danos à saúde dessa classe trabalhadora, com o viés do ambiente de trabalho, não abordam as perspectivas apresentadas pelas intelectuais negras citadas.

### **Processos de vulnerabilização das mulheres catadoras**

Os marcadores interseccionais de gênero, raça e classe marcam a vida das mulheres negras catadoras, deixando-as em condições mais vulneráveis, pois estão inseridas em um contexto de trabalho precário, ainda mais quando são responsáveis por todos os cuidados com a casa e os filhos (SILVA, 2014). A lógica produtiva do mundo do trabalho e as questões de gênero, raça e classe afetam diretamente o contexto de saúde da classe trabalhadora de catadoras de materiais recicláveis.

Para a intelectual negra Collins (2019), a dinâmica do trabalho surge para as mulheres negras como uma forma de opressão, violência e controle, pois, historicamente, o trabalho serviu como uma ferramenta de exploração de seus corpos. Seguindo o argumento dessa autora, as mulheres negras, na infância, já executam o trabalho não remunerado doméstico e, como visto no caso das catadoras, também exercem trabalhos remunerados precarizados nessa fase da vida. Por essa razão, o trabalho vivido pelas mulheres brancas abarca uma outra lógica quando

comparado ao universo das mulheres negras, por exemplo, podem alcançar melhores empregos via educação e melhores salários. Em contrapartida a isso, as mulheres negras devem trabalhar para ajudar no sustento da família.

As mulheres negras vivem uma luta diária dicotômica entre o trabalho não remunerado do espaço privado do lar, no cuidado com os filhos e os afazeres domésticos, e o trabalho assalariado precarizado em vários momentos dos seus ciclos de vida, como dito por uma catadora: “É a rotina do dia a dia né, a gente cansa... *serviço, casa, menino. A gente se sente cansada. Tem uma hora que o corpo da gente cansa né?*” (Sara).

Collins (2019) e Davis (2016) auxiliam na compreensão da vida das catadoras, ao mostrarem que os homens compartilham poucas responsabilidades ou nenhum compromisso com a casa e a família, assim as mulheres negras se intitulam pai e mãe ao mesmo tempo, mostrando um complexo cenário da desigualdade de gênero e raça. Exige-se que essas mulheres sejam fortes o tempo todo, naturaliza-se a criação dos filhos e violenta-se seus corpos. Segundo Davis (2016), uma das dimensões de opressão de mulheres negras é a forma específica com que o trabalho dessas mulheres é historicamente explorado para a construção e manutenção do capitalismo. As catadoras explicam que:

“Então estressa, você chega, ainda mais no caso da mulher... a mulher ainda chega em casa e tem que cuidar da casa, o homem não, o homem chega em casa, sentou e pronto. Tomou banho, sentou e pronto. Mulher não. A mulher ainda vai cuidar da casa, sabe que quando chegar tem que... é obrigada a fazer comida, cuidar de criança, essas coisas, é cansativo. Então já sei o que vai acontecer amanhã: vou trabalhar, vou chegar e vou ter que arrumar a casa. A gente já fala aqui “nossa, hoje é dia de lavar roupa” “eu também”... aí a gente já sabe a nossa rotina” (Rita).

“Então ela... *aí esse outro eu perdi com 13 mesmo. Esse, esse... uma menina. Uma menina que tive com 13 anos. Aí vim de lá pra cá buchuda. Aí a gente morava em um albergue. Aí meu marido tava brigando, tava brigando lá e eu fiquei com muito medo e assustada, porque ele tava com a tesourinha, pronto, vai me matar, vai matar, vai matar. Ficava só gritando. Aí me assustei, buchão já, tava com 8 meses. Aí senti aquele bolo virando na minha barriga assim, virando. Aí nem liguei também. Cacei água lá pra beber, não tinha. [...]Aí depois de uma semana também, eu senti dor, muita dor, muita dor mesmo, muita, muita, muita. Aí quando eu cheguei lá no hospital, aí olharam o coração, tentaram escutar o coração de todo jeito lá e não acharam o coração dela. Aí me largaram lá também, jogada lá. Aí veio um médico lá, aí estourou a bolsa, aí já tava morto, morto. Aí veio o médico “o bebê já tá morto tem uma semana, tem uma semana que ele tá morto aí dentro.” (Maria).*

As desigualdades sociais estruturais marcam o contexto das mulheres negras brasileiras. As ocupações e relações de trabalho informais figuram como outro marco social, enraizado no seu cotidiano, da precarização da vida humana (COLLINS, 2019; DAVIS, 2016). A situação de violência de gênero amplia a vulnerabilidade das mulheres catadoras. Muitas vivem em um contexto conturbado de violência sobre seus corpos, que as subjuga. Alheias a uma efetiva ação

dos órgãos públicos, reinventam-se diante das violências vivenciadas de acordo com os seus relatos em ambientes domésticos, hospitalares ou no próprio trabalho (VASCONCELOS, 2016).

Entre as catadoras, constata-se um contexto de violência doméstica; das seis mulheres entrevistadas, cinco relatam terem sido agredidas por seus companheiros, sendo que duas ainda convivem com os agressores e algumas delas ainda trabalham no mesmo espaço que eles. Em um dos casos de violência, uma delas se culpa por ter sofrido a agressão, explica que quando consome bebida alcoólica provoca confusão com o marido, e esse fato a fez diminuir o consumo de bebida alcoólica. Após ter vivido quatro agressões físicas, quando perguntada se essa estratégia teria resolvido o problema, ela afirma que sim. Nesse caso relatado, os vizinhos denunciaram o companheiro, embora ela nunca tenha procurado a delegacia para registrar o boletim de ocorrência por medo de o marido ser preso, como relatado nas seguintes narrativas: “[...] não, mas fui espancada pelo esposo. Batia, batia nele, era uma confusão. ” (Carla).

“Eu e meu marido, a gente já se pegou no boxe [...] uai, o policial foi bater lá, aí eu falei que era mentira. Porque se eu falasse que era verdade, Deus me livre, ia prender ele. (...) aí ele falou “não, isso é mentira, não é verdade não [...] Ele me agrediu depois de nós separados [...] eu fiz uma ocorrência, deu 3 ocorrências seguidas em menos de 15 dias... ele me agrediu né, 3x, menos de 15 dias ele me agrediu. ” (Sara).

No âmbito dos direitos reprodutivos, casos de mortalidade fetal marcam a vida dessas mulheres. Uma catadora relata que perdeu uma criança devido à violência física provocada pelo seu ex-companheiro: “Aí foi, ele me bateu, fui lá no hospital e lá perdi o bebê. Só que lá no hospital não falei que foi agressão. [...] é, podia ser preso. Aí também não falei não, falei que tinha levado uma queda” (Sara).

Diante da problemática das mulheres estarem desamparadas de ações e intervenções estatais que tratem do enfrentamento à violência contra a mulher, especialmente, as catadoras aparentemente já se encontram em uma condição de normalização da violência. Essas mulheres contam com sua rede de apoio social, que é acionada quando necessitam. Assim, os vizinhos, as amigas catadoras e a igreja cumprem o papel de suporte, sendo formas de agenciamento do cuidado de si. Os vizinhos denunciam, quando o fato ocorre perto das residências, as amigas catadoras compartilham experiências, sentimentos e trocam afeto, cuidam das angústias e desejos dessas mulheres e a igreja significa a transformação social e a salvação. Desse modo, percebe-se que, no contexto patriarcal e da desigualdade de gênero, essas mulheres desencadeiam a vivência de práticas de cuidado, especialmente, a partir dessa rede de cuidado, que tem como um elemento importante outras mulheres, catadoras e vizinhas, que trocam experiências entre si. Mulheres negras enfrentam a desigualdade e a violência, principalmente, acionando uma rede de cuidado entre mulheres (COLLINS, 2019; DAVIS, 2016).

### **As dificuldades do acesso aos serviços de saúde do SUS: as experiências relacionadas à assistência e à rede popular de compartilhamento do cuidado**

O Sistema Único de Saúde (SUS) aumentou o acesso ao cuidado com a saúde para uma parcela considerável da população brasileira em uma época em que o sistema vinha sendo progressivamente privatizado (PAIM *et al.*, 2011). O artigo 196 da Constituição Federal de 1988 diz: “Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”. Entre os princípios e diretrizes doutrinários do SUS estão a universalidade, integralidade e equidade. As catadoras, contudo, trazem em suas narrativas a desassistência em saúde, ocasionada pela dificuldade de acesso e o péssimo cuidado em saúde prestado pelos profissionais de saúde, marcado aqui pelo racismo e machismo.

De acordo com Goes e Santos (2014), a população negra, sobretudo as mulheres negras, é colocada em uma situação de desvantagem e vulnerabilidade no acesso aos serviços de saúde, assim como de violência, violação e negação à vida. O SUS, como política social, deveria ser estratégia para minimizar as mazelas que afetam a vida cotidiana dessas trabalhadoras pela sociedade capitalista. No entanto o que se observa ainda é a organização desse serviço voltada para atender aos interesses do capital, tendo em vista que está concentrado em centros urbanos e em hospitais e apresenta melhor qualidade de atendimento e acesso à população mais rica.

Em relação ao atendimento das necessidades de saúde dessa população, que vive nas margens, seria fundamental o fortalecimento da Atenção Básica em Saúde (ABS), assim como o aumento da cobertura Estratégia Saúde da Família (ESF), que atuam nas perspectivas da promoção da saúde e prevenção de doenças, devendo incluir, nos espaços de atuação dos serviços de saúde, as associações e cooperativas de catadoras. Os autores Alencar, Cardoso e Antunes (2009) revelam a necessidade de ter as Unidades Básicas de Saúde (UBS) ativas nos territórios onde possuem associações ou cooperativas, preparadas para o atendimento de demandas provenientes dessas trabalhadoras. No caso em tela, as catadoras revelam as dificuldades que encontram para o acesso aos serviços de saúde no território, preferindo, às vezes, até se endividarem para acessarem a atenção à saúde privada: “É frustrante, né, que o atendimento é muito precário, falta médico, a fila é imensa, as pessoas estão lá desde cedo e não é atendido” (Paulo). “Moço, nunca fui em nenhum hospital, nenhum aqui não, uma vez eu fui não deu certo, nunca mais eu fui. Agora se tiver dinheiro é particular, agora tudo é pagando, ou paga ou não é atendido, o capital é, você tem que ter dinheiro que se adoecer é mal” (José).

Devido à precarização do trabalho, essas catadoras convivem cotidianamente com dores musculares, problemas respiratórios e gastrointestinais. Com isso, se automedicam e não costumam fazer consultas de rotina para a avaliação e a manutenção da saúde. Ao mesmo tempo que os serviços de saúde deveriam dar esse suporte à saúde, as experiências que carregavam

desses causava maior frustração e estresse: *“Deus é mais (risadas) Pra quê? Pra você vim mais doente? É raro ir no médico, porque quando eu preciso eu não sou atendida e quando eu sou atendida é uma guerra, tem que brigar” (Maria).*

Uma das contradições era que a unidade de saúde funcionava no mesmo horário de trabalho na associação, dificultando, assim, a disponibilidade e o tempo para pleitearem uma consulta ou informações. Como relatado por uma catadora: *“Não, o posto de saúde, meu fi, pelo amor de Deus, fala em posto não, eu fui pra marcar um exame, eu fui 2h da manhã eu aqui 2h da manhã e é longe” (Maria).*

Embora recorressem ao sistema de saúde privado quando necessitavam de exames ou consultas, quando envolvia uma situação mais complexa, retornavam ao SUS, pois não tinham condições financeiras para pagarem por todo o atendimento. Com isso, ficavam perdidas a respeito do que deveria ser feito e onde conseguiriam atendimento para resolução dos seus problemas de saúde. Enfatizavam que a procura por atendimento médico somente ocorria quando a doença ou agravo era considerado grave por elas ou quando a necessidade acometia os seus filhos. Além das dificuldades de acesso, que mostram a omissão do Estado, as catadoras questionavam a qualidade da assistência à saúde prestada pelos profissionais de saúde, ao mesmo tempo que mostravam esse contexto violento nos corpos negros femininos. No momento do parto, todas as mulheres catadoras tinham relatos desumanos referentes à assistência obstétrica prestada no SUS, deixando marcas de um contexto de violência institucional em suas vidas: *“Eu ganhei ela praticamente sozinha... ela saiu sozinha, faltou eu segurar... Só eu e Deus. Até a médica falou: “esse foi o verdadeiro parto humanizado, você teve sozinha” (Rita).*

*“Ah, a médica nem ligou. Ficou foi brigando lá porque eu tava gritando. Porque doi tanto que eu não consegui suportar, foi inexplicável” (Carla).*

*“Não, me largou lá sentindo dor até... quando viu que já tava nascendo a menina morta ainda... eu sozinha no quarto... aí viram que tava nascendo e tiraram a menina e pronto” (Maria).*

Diante de todo esse contexto, elas agenciam os seus próprios percursos de cuidado, associando maneiras para lidar com os seus problemas e resistir à ausência de direito à saúde pública em suas vidas. Para lidarem com as doenças consideradas não graves, especialmente, aquelas que estão intrínsecas ao cotidiano da catação, como a diarreia, os resfriados e as dores no corpo, buscam práticas populares de cuidado como chás caseiros e massagens. Essas práticas fazem parte das formas de cuidar de si e dos familiares, constituem-se como melhores alternativas, mais do que ir até os estabelecimentos de saúde em busca de atendimento, sendo a farmácia local da comunidade onde vivem o primeiro estabelecimento ao qual elas recorrem para o cuidado.

*“Esses dias deu uma tal de dor de barriga aqui na gente e aí a gente toma chá, toma sorrisal” (Maria).* *“Quando tá com alguma dor nas costas chama os meninos pra fazer massagem (risos) porque aqui também dar muita dor na coluna, dor nas pernas, é muito difícil porque a gente trabalha em pé” (Aparecida).*

Com base na narrativa acima, podemos dizer que, quando a doença é interpretada e a sua dimensão social é reconhecida, deve-se identificar quais ações são construídas socialmente e não de maneira individual e quais interações sociais são de extrema relevância para se estudar os cuidados em saúde (LEITE; VASCONCELLOS, 2006). As interações sociais levam ao compartilhamento de experiências de saúde popular que é o cuidado com a saúde que não representa o discurso oficial, mas nem por isso o nega ou o exclui (FLEISCHER; TORNQUIST; MEDEIROS, 2009).

As relações sociais contribuem para o compartilhamento de formas de cuidado à saúde e dinamizam práticas populares de autocuidado. Neste rumo, as catadoras descobrem as terapias a partir do convívio social com suas colegas de trabalho, vizinhas e familiares. Daí a saúde popular constitui um repertório de ações dentro dos itinerários terapêuticos, individuais e coletivos, que fazem sentido para elas, e é uma alternativa escolhida como complemento e não a única alternativa diante da falta de outras, como geralmente se supõe. Essas formas de cuidado passam a funcionar quando são agenciadas pelos sujeitos, dependem delas para serem acionadas e passam a fazer sentido quando elas passam a ter autonomia e “agência”. Algumas demonstram o que aprenderam com os seus familiares: *“Eu aprendi com a minha mãe, chá de erva-cidreira, capim santo, chá de banana de cheiro, são bons pra barriga e de sete dor, boldo amargo e ferro de boi, tomo pra dor”* (Maria). *“Desde a Bahia que eu sei, mel de aurora com limão e alho é bom”* (José).

As dificuldades do acesso às políticas públicas de saúde e as experiências frustrantes com os serviços ofertados deixam-nas desamparadas pelo Estado. Essa situação complexa das catadoras não é presente somente na realidade brasileira. Ballesteros, Arango e Urrego (2012) problematizam também a situação precária do trabalho das catadoras em Medellín, Colômbia, demonstrando os riscos e a ausência do Estado. Gómez-Correa, Agudelo-Suárez e Ronda-Pérez (2008) em pesquisa com catadoras em Medellín apontam para a necessidade de um sistema sanitário público na Colômbia, observando os problemas de acesso aos serviços de saúde e as barreiras sociais e econômicas existentes para esse grupo social. Embora no Brasil haja o SUS, essa população não consegue atenção à saúde, assim como as tecnologias de cuidado dos serviços públicos não a alcança, revelando a necessidade de aprimoramento dos serviços e discussão sobre o racismo institucionalizado.

### **Considerações finais**

As práticas de cuidado desencadeadas por catadoras de materiais recicláveis devem ser entendidas no contexto de vida dessas mulheres, o qual revela estruturas de desigualdades que marcam seus corpos e suas vidas. Ser mulher, negra, da periferia e catadora configuram-se em marcadores sociais que pesam em suas condições de trabalho. O próprio ofício da catação revela dimensões de uma classe trabalhadora fragilizada pela precariedade, informalidade, com altos riscos de adoecimento, estigmatização e vulnerabilização.

Ao longo deste artigo foi possível ver as reflexões dessas mulheres sobre seu contexto de vida e a produção de uma teoria do social. Inseridas nas margens e marcadas por violência, essas mulheres acionam redes de cuidado, especialmente de mulheres no cuidar de si. Ao acionarem essa rede, subvertem a situação de opressão em que se inserem, elas produzem suas próprias tecnologias alternativas de enfrentamento do cotidiano relacionadas ao que é sentido e é vivido no seu dia a dia. Destaca-se que as estratégias de busca do cuidado perpassam o campo das práticas populares, tornando-se o primeiro acesso a medidas para tentar solucionar os problemas relacionados à saúde. Fazer parte de uma associação, recebendo como todos e sem responder a um patrão, traz uma sensação mais aprazível a essas mulheres que constroem um contexto de trabalho com mais autonomia, mesmo elas estando cientes da situação de exploração de toda uma rede de reciclagem que ainda as situa no elo frágil. Como Cardoso e Guimarães (2018) enfatizaram para as trabalhadoras diaristas, algo semelhante se replica no contexto das catadoras, unindo essas mulheres periféricas: “*Nas margens do Estado e de seus direitos como cidadãs e vivendo sob o jugo do racismo, machismo e desigualdade de classe, resta a essas mulheres criarem estratégias de cuidado, em uma rede de apoio marcada pelo feminino subvertendo a subalternização de suas vidas*” (2019, p. 224).

## Referências

- ALENCAR, Maria. C. B.; CARDOSO, Cintia. C. O.; ANTUNES, Maria. C. Condições de trabalho e sintomas relacionados à saúde de catadores de materiais recicláveis em Curitiba. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 36-42, 2009.
- ALMEIDA, Jane. R. *et al.* Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2169-2180, 2009.
- ALVES, Ana. K. S.; OLIVEIRA, Amanda. M. Estado, capitalismo e questão ambiental: interfaces no trabalho dos catadores de materiais recicláveis. In: SEMANA DE ECONOMIA POLÍTICA, 2., Fortaleza. **Anais da II Semana de Economia Política – Luta de classes e opressões: uma homenagem a Rosa Luxemburgo**. Fortaleza: UFC/UECE, 2013. p. 1-10. Disponível em: < <https://semanaecopol.files.wordpress.com/2013/10/gt-6-ana-karina-da-silva-alves-estado-capitalismo-e-questo3a3o-ambiental.pdf> > Acesso em: 04 fev. 2020.
- ALVES, Giovanni. Trabalho, capitalismo e formas do salariato: Notas teórico-críticas. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 6, p. 109-128, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 27, p. 11-25, 2014.
- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, Ricardo.; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004.
- ANTUNES, Ricardo.; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, 2015.

- AYRES, José. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 73-92, 2004.
- AYRES, José. R. C. M *et al.* Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. *In*: CAMPOS, Gastão. W. S *et al.* (org.). **Tratado de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: Hucitec; Fiocruz. 2009. p. 635-667.
- BALLESTEROS, Viviana. L.; ARANGO, Yolanda. L. L.; URREGO, Yicenia. M. C. Condiciones de salud y de trabajo informal em recuperadores ambientales del área rural de Medellín, Colômbia, 2008. **Revista Saúde Pública**, v. 46, n. 5, p. 866-74, 2012.
- BOSI, Antônio. P. A organização capitalista do trabalho “informal” o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 101-116, 2008.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- CARDOSO, Itala. L.; GUIMARÃES, Sílvia. M. F. Vivências e Narrativas de Trabalhadoras Domésticas Diaristas. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 49, p. 205-226, jul./dez. 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/download/35232/22281/>>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- CARMO, Michelly. E.; GUIZARDI, Francini. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 2-14, 2018.
- CECÍLIO, Luiz. C. O. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 589-99, 2011.
- CHERFEM, Carolina. O. Relações de gênero e raça em uma cooperativa de resíduos sólidos: desafios de um setor. *In*: PEREIRA, Bruna. C. J.; GOES, Fernanda. L. (org.). **Catadores de materiais recicláveis: Um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.
- COELHO, Alexa. P. F.; BECK, Carmem. L. C. Produção acerca da saúde do catador de materiais recicláveis: um estudo de tendências. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 10, n. 7, p. 2747-55, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11336/13040>>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- COLLINS, Patrícia. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem. 2004. Disponível em: < <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- DALLAGNOL, Clarice. M.; FERNANDES, Fernanda. S. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, n. 15, p. 729-735, 2007.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERRAZ, Lucimare.; GOMES, Mara. H. A.; BUSATO, Maria. A. O catador de materiais recicláveis: um agente ambiental. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 763-68, 2012.
- FLEISCHER, Soraya.; TORNQUIST, Carmen. S.; MEDEIROS, Bartolomeu. F. **Saber cuidar, saber contar: ensaios de antropologia e saúde popular**. Florianópolis: UDESC, 2009.
- GALON, Tanyse.; MARZIALE, Maria. H. P. Condições de trabalho e saúde de catadores de materiais recicláveis na América Latina: Uma revisão de escopo. *In*: PEREIRA, Bruna. C. J.; GOES, Fernanda. L. (org.). **Catadores de materiais recicláveis: Um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

- GOES, Emanuelle.; SANTOS, Elisa. M. Racismo, gênero e saúde no Brasil. Rede Feminista do Norte e Nordeste, 18., 2014, Recife. **Anais do 18º REDOR**. Recife: UFRPE, 2014. p. 2532-39. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1944/791>>. Acesso em: 14 mai. 2020.
- GÓMEZ-CORREA, Jaime. A.; AGUDELO-SUÁREZ, Andrés. A.; RONDA-PÉREZ, Elena. R. Condiciones Sociales y de Salud de los Recicladores de Medellín. **Revista Salud Pública**. Colômbia, v. 10, n. 5, p. 706-715, 2008.
- GUTBERLET, Jutta. *et al.* Participatory research revealing the work and Occupational health hazards of cooperative recyclers in Brazil. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 10, p. 4607-27, 2013.
- HOEFEL, Maria. G. *et al.* Accidents at work and living conditions among solid waste segregators in the open dump of Distrito Federal. **Revista Brasileira Epidemiologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 764-85, 2013.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudo Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.
- JÚNIOR, Armando. B. C. *et al.* Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3115-24, 2013.
- KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena.; LOCK, Margaret. Social Suffering. *Deadalus*, v. 125, n. 1, p. XI-XX, 1996.
- LAURELL, Asa. C. La salud-enfermedad como proceso social. **Revista Latinoamericana de Salud**, México, n. 2, p. 7-25, 1982. Disponível em: <[https://uniasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod\\_resource/content/1/Conteudo\\_on-line\\_2403/un01/pdf/Artigo\\_A\\_SAUDE-DOENCA.pdf](https://uniasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod_resource/content/1/Conteudo_on-line_2403/un01/pdf/Artigo_A_SAUDE-DOENCA.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- LEITE, Silvana. N.; VASCONCELLOS, Maria. P. C. Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 113-128, 2006.
- MARCONDES, Mariana. M. D *et al.* **Dôssie mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.
- MEDEIROS, Luíza. F. R.; MACÊDO, Kátia. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2006.
- MENÉNDEZ, Eduardo. L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.185-207, 2003.
- MINAYO, Maria. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2010. p.61-76.
- MINAYO, Maria. C. S.; DESLANDES, Suely. F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012.
- NAKAMURA, Eunice. O método etnográfico em Pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 95-103, 2011.
- OLIVEIRA, Roberto. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, 13-37, 1996.
- PAIM, Jairnilson. *et al.* **O sistema de saúde brasileiro**: história, avanços e desafios. 2011. Disponível em: <[http://actbr.org.br/uploads/arquivo/925\\_brazil1.pdf](http://actbr.org.br/uploads/arquivo/925_brazil1.pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2020.
- PEIXOTO, Marcelo. T. *et al.* Catadores de lixo do conjunto habitacional Feira VI: Condições socioeconômicas e riscos à saúde. **Revista Saúde Coletiva**, Feira de Santana, v. 5, n. 1, p. 46-50, dez. 2015.
- PORTO, Marcelo. F. S. *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, 2004.
- RIBEIRO, Izaque. M.; NARDI, Henrique. C.; MACHADO, Paula. S. Catadoras(es) de materiais recicláveis e as possíveis articulações entre trabalho precário e relações de gênero. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 243-254, 2012.

- ROSA, Bárbara. O. Mulheres invisíveis: a identidade das catadoras de materiais recicláveis. **Gênero**, Niterói, v.14, n. 2, p. 91-104, 2014.
- SANTOS, Jair. L. F.; WESTPHAL, Marcia. F. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 71-88, 1999.
- SILVA, Carlúcia. M. Trabalho, economia solidária e catadores de recicláveis: desigualdades de gênero e de raça, em busca de cidadania. **Revista da ABET**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 248-261, jul./dez. 2014.
- SILVA, Ludmila. S.; GUIMARÃES, Sílvia. Práticas de cuidado, redes sociais e itinerários terapêuticos em um bairro popular de Águas Lindas de Goiás. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 24-36, jun. 2020
- SILVA, Sandro. P.; GOES, Fernanda. L.; ALVAREZ, Albino. R. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável**. Brasília: Ipea, 2013.
- VASCONCELOS, Joaquim. P. R. **A saúde de catadores/catadoras de materiais recicláveis**: abordando do contexto de vida ao enfrentamento do cotidiano. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologias em Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- VASCONCELOS, Joaquim. P. R.; GUIMARÃES, Sílvia. M. F.; ZANETI, Izabel. C. B. B. Condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis: revisão integrativa da literatura. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 187-197, 2018.
- ZANETI, Izabel. C. B. B.; SÁ, Laís. M.; ALMEIDA, Valéria. G. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 173-192, 2009.

Recebido em 28/03/2020

Aceito em 16/09/2020